

A cada R\$ 100 consumidos no Brasil, R\$1,75 é no Grande ABC

As sete cidades da região deverão movimentar R\$ 98,8 bilhões até o fim do ano; integrantes da classe B serão responsáveis por 43% do gasto

BEATRIZ MIRELLE
Especial para o Diário
beatrizmirelle@dgaabc.com.br

A cada R\$ 100 que são gastos no Brasil, R\$ 1,75 é no Grande ABC. Em 2021, era R\$ 1,67. O consumo das famílias na região deve movimentar cerca de R\$ 98,8 bilhões ao longo deste ano, liderado pelas despesas da classe B. O IPC Maps 2022, estudo especializado no cálculo de índices de potencial de consumo nacional, estima que o fluxo no Brasil será de R\$ 5,6 trilhões, o que corresponde a aumento real de apenas 0,92% em comparação a 2021.

De acordo com Marcos Pazzini, sócio da IPC Marketing Editora e responsável pela pesquisa, o resultado inferior a 1% é reflexo da lenta recuperação após flexibilização das medidas causadas pela pandemia da Co. Também é agravada pelo confronto armado entre Rússia e Ucrânia, na Europa. Nesse contexto, houve o fechamento de mais de 1,1 milhão de empresas no Brasil desde 2021, sendo a maioria MEIs (Microempreendedores Individuais).

No Grande ABC, a classe B representa 42,9% do consumo, com potencial de movimentar R\$ 42,3 bilhões em 2022. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), ela é formada por famílias com renda mensal entre R\$ 10.450 e R\$ 20.090. Até dezembro, os maiores investimentos dessa categoria serão com habitação, despesas variadas, veículo próprio e alimentação em casa. A menor parte dos domicílios urbanos fica para a classe A (3,7%), que terá força de consumo em torno de 16% (R\$ 15,7 bilhões), com gastos relacionados às despesas variadas, habitação, veículo próprio e material de construção.



DIFICULDADES. Consumidores relatam elevação de preços em visitas aos supermercados e também com a manutenção de veículos

As sete cidades da região somam cerca de 2,84 milhões de cidadãos. Destes, 2,82 milhões moram na área urbana e são responsáveis pelo consumo *per capita* anual de R\$ 34.865,35, contra R\$ 19.268,95 gastos individualmente pela população rural. Na região, a maioria dos domicílios urbanos é da classe C (famílias com rendimentos acima de R\$ 4.180 e até R\$ 10.450 por mês), sendo 50,2% das residências com capacidade de gerar fluxo de R\$ 34,2 bilhões até o fim do ano.

CONSUMO E RENDA

A renda média mensal no Brasil caiu 6,9% em 2021. O valor foi de R\$ 1.454 em 2020 para R\$ 1.353 no último ano. Esse é o menor resultado registrado desde 2012, quando o IBGE começou a realizar a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) Contínua. No Sudeste, o rendimento ficou em R\$ 1.645, registrando taxa maior que a nacional.

As classes D, com renda familiar mensal de R\$ 2.090,01 e R\$ 4.180, e a E, com até dois salários mínimos (R\$ 2.244), correspondem

a 19% das residências no Grande ABC. A projeção estima contribuição de 6,4% dessas classes, movimentando cerca de R\$ 6,3 bilhões até dezembro. Os gastos serão relacionados, em sua maioria, para habitação (R\$ 2,4 bilhões) e alimentação (R\$ 824,8 milhões).

A dona de casa Patrícia Querino, 46 anos, e o metalúrgico Reginaldo Querino, 52, moradores da Vila Gilda, em Santo André, comentam que o consumo com alimentação dentro de casa e veículo próprio dominam os gastos da família. "Nós percebemos que todo mês há mudanças nos preços de produtos de mercado. Gastamos muito com carne. As contas de água e luz também sugam o salário, assim como as vezes que abastecemos o carro", relata Patrícia.

Querino afirma que os gastos só não estão maiores porque a empresa que trabalha concede convênio de saúde. As despesas com plano médico da classe C podem movimentar até R\$ 978,5 mil neste ano, já as com veículo próprio ficarão em torno de R\$ 3,325 milhões no Grande ABC, de acordo com o IPC Maps.

Depois dos reajustes nos combustíveis, a técnica de enfermagem Vanda Aparecida, 52, precisa escolher quais lugares pode ir a pé para

tentar economizar. "A gasolina aumentou e piorou a situação. No mercado, os preços estão absurdos. Não tem nada barato, desde bota-

cha e óleo até feijão e verduras. Outras despesas, como energia elétrica, também são as que mais gasto", explica a moradora da Vila Marina, Santo André.

Neste ano, o levantamento do IPC Maps aponta que o consumidor tende a gastar mais com veículo do que com alimentação. "Como na pandemia muitas indústrias pararam de produzir, principalmente autopeças eletrônicas, as empresas tiveram de prolongar os prazos de entrega e reajustar os valores. Enquanto isso, crescia a demanda por transportes via aplicativos e *delivery*, tanto pelo consumidor – que passou a usar mais esses serviços –, quanto pelos trabalhadores – que viram nesse segmento uma oportunidade de compensar a perda do emprego ou de parte do seu salário, ou ainda, de ter uma renda extra", avalia Pazzini.

?

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Economia **Página:** 5